

## **“Cultura de História” no Brasil Imperial: distância histórica e espaços de autonomia**

Daniel Mendes da Cunha / Número de inscrição: 05111370

A proposta da presente apresentação tem por objetivo refletir sobre as possibilidades de escrita da história no Império do Brasil, fundamentalmente, com ênfase nos conteúdos presentes nos manuais didáticos de Henrique Luis de Niemeyer Bellegarde, “Resumo da História do Brasil até 1828” (1831), de José Ignácio de Abreu e Lima, “Compêndio da História do Brasil” (1843) e Joaquim Manuel de Macedo, “Lições de História do Brasil (1861)”; que vigoraram oficialmente no interior do Colégio Pedro II de 1840 até 1880. Estes conteúdos a serem discutidos são, a saber: colonização, portugueses/colonizadores, indígenas/escravidão, negros/escravidão, a monarquia portuguesa e brasileira.

Este esforço tem como fim a compreensão e evidenciação das interpretações específicas acerca da História do Brasil no referido contexto. A hipótese central aqui é a de que neste momento pós-Independência, marcado pela “aceleração temporal”, houve uma mobilização quanto ao esforço de constituir uma identidade brasileira presentes nestes manuais didáticos, e de, por conseguinte, reestabilizar esta “experiência do tempo” a partir de uma crítica significativa da colonização portuguesa, o que chamamos de alargamento da “distância histórica”.

Ademais, também será contemplado no texto a tematização no que tange as dinâmicas dos “regimes historiográficos”, ou ainda “regimes de autonomia”, no referido contexto, que se constituíam em torno do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, e as demandas eruditas para a escrita da história do Brasil, ou ainda próximos ao mercado editorial com seu público não especializado, se constituindo de forma autônoma ao regime ligado ao IHGB. Para isso, será analisado as repercussões destes manuais acima citados em importantes periódicos do período, sobretudo, a Revista do IHGB.